

## **A inconsistência da casa: mobiliário e afeto**

**Jéssica Batista**  
**Helene Gomes Sacco Carbone**

jebatista4@hotmail.com

sacco.h@gmail.com

### **RESUMO**

Estas reflexões são um primeiro pensamento sobre meu trabalho de conclusão de curso, que surge a partir de objetos criados, movidos pela percepção sobre: casa, mobiliário e afeto, na criação de um mobiliário disfuncional, feito de tecido e fibra. As reflexões são desenvolvidas por quatro características que permeiam os trabalhos: aconchego, intimidade, sonho e domesticidade, observadas de uma casa real e experimentadas numa casa inventada, onde esses novos objetos irão se dispor mentalmente em cômodos da casa tentando estabelecer novas relações. A funcionalidade e a servidão dos objetos são desconstruídas ao romper com sua rigidez, fazendo da inconsistência do objeto um conceito perseguido na matéria, até o ponto que uma nova forma o desestabilize. Esse novo tratamento visual é dado a objetos cotidianos, na tentativa de provocar uma nova percepção e contato afetivo que se pode ter com os objetos que nos cercam, livre do peso e dos fardos do sempre servir.

**Palavras-chave:** inconsistência, mobiliário, afeto.

### **INTRODUÇÃO**

O meu interesse em falar e refletir sobre a casa surge junto com o trabalho prático, quando essa casa me é apresentada, por Bachelard, como um lugar de *aconchego e proteção*<sup>1</sup>. Comecei então a refletir sobre essas questões e como fazê-las presentes em meu trabalho. A ideia inicial era trazer esse aconchego para o trabalho, de modo que se tornasse perceptível. Então comecei a confeccionar esse mobiliário totalmente mole, disforme, sem estrutura alguma. Feito de tecido e fibra ele se compõe quase como um acolchoado e aproxima de uma memória do corpo, pelas suas formas maleáveis, podendo até mesmo provocar certa sonolência e aconchego.

Ao começar analisá-los e criar séries desses móveis outras questões começaram a surgir ligadas à casa, como as relações entre objetos e afeto, assim como as de intimidade, domesticidade e da invenção do espaço da casa como um lugar sonhado, imaginado, inventado, e pensar nessa falta de estrutura não apenas como um esgotamento da forma, mas também das situações cotidianas.

---

<sup>1</sup> “Mas a transposição para o humano ocorre de imediato, assim que encaramos a casa como um espaço de conforto e intimidade...”(BACHELARD,1993, p.64)

A estrutura da casa servirá como base para estabelecer relações dos trabalhos com a ideia de cada cômodo, relacionando algumas das atividades que ali acontecem de acordo com o conjunto de trabalhos que se encaixam em cada espaço.

Nota-se que “casa” não é apenas a edificação, o conjunto arquitetônico, ainda que possa ser tomado como tal, até porque o que a define, em arquitetura, não é a configuração espacial, mas o seu uso. (BRANDÃO,2002, p.64)

Cada cômodo da casa tem muitas funções pelo conjunto de objetos que o formam e dão sentido para que esse ambiente seja destinado para tais funções, claro que não são funções fechadas e nem obrigatórias, mas cada ambiente tem como base servir para alguma coisa mais específica, e que todos esses objetos, dispostos em “seus cômodos” trabalham como “mediador entre o home e o mundo” (MOLES, 1981, p10).

Dentre as muitas funções que esses ambientes são destinados reconstruirei uma casa inventada à qual meus objetos façam sentido, lembrando que são objetos que não tem mais funções além da poética. Nos trabalhos eles reinventam outra casa, recriada, imaginária, sonhada, uma casa inventada onde a casa real será um subsídio para dar um sentido poético a essa nova forma de ver e sentir o mundo.

Os artistas que estabeleço diálogo como referências são: Claes Oldenburg pelas “esculturas moles” de objetos cotidianos, Luciano Zanette pelo uso simbólico do peso e o recurso da desestruturação do mobiliário que chama de melancólico, Erwin Wurm por dar um tratamento quase surreal aos objetos, e Do Ho Suh pela recriação de ambientes domésticos carregados de afeto. Essas características serão desenvolvidas durante o texto para discutir essas questões que são fundamentais em meu trabalho.

## **A INCONSISTÊNCIA DA CASA: MOBILIÁRIO E AFETO**

Móveis do cotidiano, subtraídos de sua funcionalidade sendo refeitos com tecido e fibra, costurados, adquirem uma nova visualidade disforme e mole, estabelecendo diferentes relações com o corpo e com a visão que temos deles. Eles perdem sua estrutura, são refeitos de forma que ainda podemos reconhecer o móvel que lhe deu origem por seus traços, desenhos, ou partes, mas sua materialidade passa a ser outra.

A solidez do objeto é deixada de lado para poderem pertencer a esse novo lugar, a essa nova casa criada, recriada. Eles se sustentam no espaço de forma frágil e precária, apoiando-se sobre o seu peso e por vezes equilibrando-se na parede. A sua falta de estrutura interna, composta apenas pela leveza da fibra, proporciona a sua nova forma, instigando o olhar a tentar entender o que possa ser "aquilo". Assim surgem os objetos moles e disformes e com eles a presença do estranhamento e do *esgotamento da forma* onde esse *esgotamento* passa a ser uma das potências da experiência com o trabalho.

A ideia desse novo mobiliário surge a partir da leitura do livro *A poética do Espaço* de Gaston Bachelard, que trata a casa como um *lugar de aconchego*, analisando alguns aspectos da casa e traçando relações de afeto que esta traz. Ele transita pela casa e vai estabelecendo outras relações, que não mais as funcionais, com as coisas e o espaço. Ele diz, “A casa é uma das maiores forças de integração para o pensamento, as lembranças e os sonhos do homem.”(BACHELARD, 1993, p.26). Meu trabalho parte um pouco dessa ideia, de tentar trazer lembranças da casa de forma afetiva, de forma que possamos enxergar as relações, quase invisíveis que temos com os objetos cotidianos, e como cada ambiente da casa, com suas particularidades, junto com a *forma esgotada* desses novos objetos, dando visibilidade ao fardo de sempre servir.

Este projeto traz como ideia, um percorrer pela casa, estabelecendo uma visão não mais funcional com o mobiliário presente nela, para tentar instigar, provocar com esse novo mobiliário em tecido, reações e sentimentos, que talvez percorram do estranhamento ao afeto, e que segundo Baudrillard (1968, p.22), os móveis e objetos possuem uma alma e estão ligados com o ser humano, de forma que certo valor afetivo é depositado pelo que chamamos de presença, desses objetos na configuração do espaço de casa.

### **Casa como lugar de aconchego**

A primeira percepção que tenho do meu trabalho é a questão do aconchego pelo material que é feito. A casa como esse lugar de aconchego, proteção, acolhimento será um primeiro olhar sobre o trabalho, que ao longo do processo de fazer e pensar, surgiram questões fundamentais, como o da inconsistência que o material e a forma apresentam. Através de um percurso por essa casa sonhada, estabelecerei uma relação referencial e poética entre objetos artísticos e o contexto cotidiano.

O primeiro trabalho da série, intitulado *Casa Sonho: armário e cadeira* (Fig.1), posiciona-se na entrada da casa, na sala de estar. Podemos levantar uma lista de coisas para qual a sala é destinada: nela se juntam os amigos, onde fazemos um lanche rápido, onde se descansa, é um lugar que possui sofás, televisões, entre outros, mas a minha sala inventada possui uma cadeira e um pequeno armário. É na sala que nasce a ideia de conforto, “nenhum lugar da casa capta tão bem o espírito (ainda que nem sempre a realidade) do “conforto” quanto esse aposento...”(BRYSON, 2011, p.155).

A cadeira e o armário me parecem solitários em meio á uma sala tão ampla, onde poderiam estar presentes diversos moveis. Mas a cadeira esta ali, em repouso, parece que espera algo ou alguém. Comporta-se com certa sonolência, suave, como seu material e sua cor. Tem leveza, o peso do móvel a qual ela se refere não existe mais. Sua consistência agora é outra. Consiste no peso da memória que tenho desse objeto, e não mais no seu peso físico. O pouco peso que ainda lhe resta serve para apoiar-se na parede, para não desfalecer completamente até o chão. O seu aparente conforto logo pode causar estranhamento ao perceber que ela não poderá me acolher, pois sua estrutura não permite. Ela acaba acolhendo apenas pela sua visualidade.

O armário à acompanha, ele também parece esperar que alguém que está de chegada em minha casa, em minha sala, o abra e lhe dê algo. Ele guarda um pouco de tudo e de todos que passam por ali. Recebe. Como a sala da casa recebe quem bate à porta. Saindo da parede ao encontro do observador, e no estranhamento que pode provocar, talvez pudesse receber a imaginação ou lembrança, ao se tornar parte dele quando deposita os olhos e o pensamento.

A partir dessas ideias chego à primeira compreensão que tenho de meus objetos: a sensação de *conforto* e junto, *o estranhamento*. Duas palavras conceitos que me faz reconhecer os traços e certa personalidade nos objetos que estão presentes na nossa casa. Os objetos cotidianos, recriados no universo da arte através dos materiais que utilizo adquirem novos sentidos, novas interpretações, de algo que era funcional no cotidiano, se torna objeto simbólico propositor de reações e afecções.

O pouco peso do tecido junto com a fibra, os estrutura, até certo ponto, pois se tornam moles pela pouca solidez dos materiais. Assim, esse peso que é tirado da forma do objeto real, também pode ser percebido como uma forma de tirar o peso das situações das vivências cotidianas, como se fosse possível nos transportar para outro lugar, onde o peso das relações de convívio na casa tomam forma e se apresentam através dessa *insolidez* dos objetos.



**Figura 1** - Casa Sonho: armário e cadeira. Tecido e fibra. Dimensões variadas, 2012.

Pensando nessa eliminação da função do objeto, trago o artista Luciano Zanette, com sua série de trabalhos chamados *Mobiliário Melancólico*(Fig.2), que trata de uma série na qual o artista retira a utilidade dos móveis do cotidiano e faz uma espécie de quebra dessa função, criando a partir do próprio mobiliário, ainda feito de madeira, um novo mobiliário desestabilizado, com questões direcionadas a essa impossibilidade de servir, podendo proporcionar até certa angústia de não poder usar algo que teria uma serventia.

As obras se aproximam de ambientes domésticos fundidos a móveis como mesa, cadeira ou cama. Entretanto, as referências ao mobiliário são indiretas. Nenhum dos trabalhos poderia ser usado para apoiar, sentar ou deitar. Apesar do primoroso acabamento em madeira, eles se afastam do campo do design e não possuem qualquer utilidade. O artista desconstrói os objetos e formas cotidianas com as quais estamos acostumados e reinventa uma espécie de móvel sem função que se conecta de modo franco e aberto ao espaço circundante.<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup><http://www.galeriavirgilio.com.br/artistas/lzanette/txt/estrutura-e-corpo.html>



**Figura 2** - Luciano Zanette -Hábitos Insuficientes Série Mobiliário Melancólico, Edição 7 – madeira e laca, 75x100x220cm, 2006

A proximidade da ideia do meu mobiliário com o pensamento dele se dá então, nessa constante insistência em tirar a função do objeto para que ele possa ser tomado por outras percepções. O artista, pelo corte enfático ressalta o peso do objeto causando essa quebra em sua estrutura, uma ruptura de sentido e função. Já nos meus, trabalhos esse peso, tirando partido do material que é composto. O peso do tecido é superior a força exercida pela fibra de silicone no seu interior. O que acontece é uma distensão da malha do tecido fazendo com que as formas caiam pela força do peso, gerando um estado de derretimento, desestabilizando o objeto e a possibilidade de se manter de pé sozinho. Existe nesse mobiliário que crio, também uma certa melancolia, que talvez já esteja impregnada na nossa memória que as coisas tristes murcham, caem, enfraquecem. Os meus parecem cansados da servidão á qual são destinados, e se quebram, ou desfalecem até o chão.

Nessas estratégias de inconsistência da matéria que procuro provocar com essa nova percepção do mobiliário cotidiano, livre do peso e dos fardos do sempre servir, encontro uma aproximação do conceito de *esgotamento*, tratado por Gilles Deleuze, onde ele fala do esgotamento como algo além do cansaço, que nada mais pode possibilitar. Assim descubro novas saídas para o trabalho, um novo ponto de vista.

### **Casa como lugar de intimidade**

O próximo cômodo que vamos entrar é o que compreendo como lugar de intimidade: o banheiro.

As atividades relacionadas ao banheiro variam da busca da higiene, até ás necessidade fisiológicas do corpo humano, e que são a meu ver, atividades da intimidade do ser, uma vez que estamos em situações muito particulares e até constrangedoras, na qual necessitamos dessa privacidade, desse afastamento de tudo.

A intimidade ligada ao meu trabalho vem da experiência como algo do particular, do espaço privado, e isso confere as decisões e escolhas que faço na criação dos trabalhos. Falo isso, por ver que meus objetos acabam refletindo a minha forma de habitar os espaços.

No banheiro da casa inventada estão o sanitário e a lixeira (Fig.3), também com sua real estrutura retirada. A ideia do objeto real é para que sirva de depósito para essa eliminação da matéria que o organismo não absorve, e essa situação é de extrema

particularidade, intimidade... é o momento de solidão do homem. É como se guardássemos ali nosso ser primitivo, por ser no banheiro que acontecem as atividades mais primitivas que temos, na qual podemos relacionar quase que como uma decomposição do próprio ser. Lembrando que essas atividades demoraram muitos séculos para chegar a esse nível de intimidade particular, pois,

[...] no início as privadas não eram nada privadas. Os romanos eram especialmente afeitos a combinar a evacuação com a conversação. Suas latrinas públicas podiam ter vinte assentos ou mais em íntima proximidade, e eles as utilizavam juntos, sem constrangimento, assim como hoje andamos de ônibus juntos. (BRYSON,2011, p.379)

Então, esses novos objetos se comportam de forma até mesmo irônica, pelas cores quentes e a maciez que pode despertar essa interpretação, pelo fato desse sanitário e essa lixeira, no real, serem lugares sujos, para eliminação, aqui apresentado de forma muito mais próxima do corpo, com uma intimidade mais afetiva, diferente da intimidade/necessidade que teríamos com o móvel real.



**Figura 3** - Casa Sonho – Sanitário e Lixeira. Tecido e fibra. Dimensões variadas. 2012

Falando de *esculturas moles*, não poderia deixar de falar do artista da Pop Art, Claes Oldenburg (28 de janeiro de 1929, Estocolmo, Suécia), e suas *soft sculptures* (Fig.4). Oldenburg refaz objetos de consumo como *fast-food* e objetos do cotidiano em diferentes escalas, dando um novo tratamento visual, e assim um novo sentido a esses objetos. Seu foco era numa crítica a todos os objetos de consumos que cresciam sucessivamente.

Oldenburg incorporou o fogão, a mesa, as panelas e os outros objetos do dia-a-dia. Esses objetos não eram somente transportados do mundo exterior, mas recebiam novos tratamentos e continham todo um novo mundo de significados. (HIROMOTO,2004, p.).



**Figura 4** - Claes Oldenburg. Soft Toilet, Madeira, vinil, fibras, fios, sumaúma e plexiglass sobre suporte de metal e base de madeira pintada, 1966.

Esse novo tratamento aos objetos é o que me interessa no trabalho de Oldenburg. O novo material que deixa o objeto disforme, sem estrutura, assim como faço em meus trabalhos. Essa nova visualidade, que propõe novas formas de interpretações é o que busco. Diferente das questões que ele trata, dessa crítica à esses objetos industrializados, as minhas questões são de outra ordem e que se aproximam pela deformidade criada, pela reconstrução visual e do pensamento sobre esses objetos cotidianos, banais.

### **Casa como lugar de sonhos**

Chegamos então ao aposento dos sonhos: o quarto. Um cômodo que pode nos remeter à inúmeras histórias desde o sexo, até à morte. Mas o fato é que nossa casa inventada tratará dos sonhos, no sentido da imaginação, desse lugar fantasiado, assim como o mobiliário que crio.

No quarto da nossa casa inventada está o criado mudo (Fig.5), posto em seu canto, á beira da cama. Quantos sonhos são deixados ali? Um livro que lemos antes de dormir com seus mil sonhos dentro, o despertador que nos acorda deles, o celular, o brinco, o copo com água... seja o que for, o criado mudo nos observa ao dormir, e já que nada

mais pode segurar, ela acompanha nossos sonhos, guarda-os e se silencia diante deles, podendo relacionar-se com uma questão de insônia, que não se refere mais ao sonho de realizar algo, mas há um sonho da insônia de não possibilitar o descanso, assim como o criado mudo que acompanha os sonhos, com a própria insônia, está cansado mas não pode mais descansar, está esgotado por ter que fazer essa vigília de nosso sono. “Sonhava-se no sono, mas sonha-se ao lado da insônia. Os dois esgotamentos” (DELEUZE<sup>3</sup>).

Possui uma única e pequena gaveta onde podem estar as mais intimas memórias, guardadas ao despertarmos do sono, e vivas ao deitarmos em nossa cama, ao seu lado.



**Figura 5** – *Projeto: Casa Sonho: criado mudo, 2013.*

---

<sup>3</sup> <http://pt.scribd.com/doc/110533504/DELEUZE-Gilles-O-Esgotado>



Começo a observar essas funções do ambiente com outros olhos, a partir do que meus objetos me sugerem, e na qual vejo uma relação desse ambiente com algo ligado ao lugar onde esse sonho do real se interlaça com o sonho do sono, e na noite de sono, o sonho real é interrompido, para tomar o lugar do sonho do inconsciente, onde entra nosso criado mudo, silenciador de todos os nossos devaneios, que também possui características já citadas, como o aconchego e a intimidade, onde podemos pensar como o lugar que melhor nos acolhe, por ser o cômodo menos compartilhado da casa.

O quarto de dormir é um lugar estranho. Não há nenhum espaço dentro da casa onde passemos mais tempo fazendo menos coisas, e, sobretudo, de maneira silenciosa e inconsciente, do que neste; e, contudo, é no quarto que experimentamos muitas das infelicidades mais profundas e persistentes da vida. Se você está morrendo ou se sentindo mal, se está exausto, com alguma disfunção sexual, vontade de chorar, atormentado pela ansiedade, deprimido demais para enfrentar o mundo, carente de serenidade e alegria, é no quarto de dormir que você provavelmente será encontrado. (BRYSON, p.345)

Podemos dizer que todas essas sensações podem estar presentes no nosso cotidiano, nas nossas vivências, mas que de certa forma, suscitam para um mundo de investigações das relações de devaneios, imaginação e estado de ser, que por muitas vezes, tentamos nos esconder no refúgio do quarto para refugiar o pensamento, o corpo, e então acabando por criar esse certo ambiente sonhado.

Percorrendo a questão desse ambiente sonhado, cito o artista Erwin Wurm (nascido em 1954), pelo tratamento quase surreal que dá ao criar, por exemplo, esculturas "gordas" de casas (Fig.6) e carros (Fig.7). Erwin, aborda a questão da obesidade, do consumo, e seus objetos passam a ter um caráter humano, por "engordarem". Uma estrutura interior (ossos), por cima toda essa massa de gordura (geralmente usa espuma de poliuretano e isopor) e por fim um acabamento, como a pele (coberto por laca). Ele, de certa forma, humaniza esses objetos permitindo que eles "engordem".



**Figura 6** - Erwin Wurm. Fat House. Ferro, madeira, isopor, alumínio, 2003



**Figura 7** - Erwin Wurm. Fat convertible. Ferro, espuma de poliuretano, isopor, laca, 2004

### **Casa como lugar de domesticidade**

Chegamos a fim de nosso percurso pela casa, e entraremos no cômodo dos afazeres domésticos: a cozinha.

Na cozinha da minha casa inventada está o fogão, como produtor de todos os pensamentos que permeiam o meu trabalho, que se origina desde uma afetividade mais pessoal, até a visível inconsistência da forma. Também estão presentes Os Guardadores de sonhos, três armários, que então, guardam todas essas características que deposito de modo que existam relações entre o imaginário (as afetivas), e o real (a inconsistência formal).

Sabemos que o principal afazer da cozinha é o preparo da comida, e em nossa casa inventada, o fogão (Fig.8) aparece como o produtor de todos os sentimentos que criei para descrever meus objetos e as relações que vejo e tenho com eles. Ele se apresenta solitário em seu canto, e depende ainda mais das paredes para existir. Os objetos criados por mim, tem essa dependência da parede para conseguirem o mínimo de estrutura para se existirem de tal forma, que ainda com a pouca estrutura, lembremos do real objeto.

Essa subsistência do objeto só existe quando se apoia na parede, e o fogão, de todos os objetos, é o que mais depende da parede, tentando até trair esse esgotamento da servidão de cozinhar, se segurando na parede, e dependendo particularmente, do canto.



**Figura 8** - Casa Sonho – Fogão. Tecido e fibra, 2013

Voltamos a noção de casa, como um espaço arquitetônico que só é uma casa porque os objetos que ali estão definem a função do espaço, então, o espaço arquitetônico casa só existe pelos seus objetos *para a casa*. Mas aqui acontece o oposto, os meus objetos só existem pelo espaço arquitetônico e que eu denomino de casa, pela ideia que eles trazem dos reais objetos. Eles necessitam das paredes da *casa* para suportarem seu próprio peso, e o fogão bem nos diz isso, se apoia em duas paredes para conseguir existir.

Refletindo sobre esses objetos produtores de um novo mundo, o artista coreano Do Ho Suh (nasceu em Seul, Coréia do Sul em 1962.) recria partes de seu mundo afetivo (Fig.9) que estão presente em sua memória, como a casa de sua infância, seu antigo apartamento, entre outros lugares como portas e escadas, refletindo sobre a ideia de transição, tanto de um espaço físico, como mental.



**Figura 9** - Do Ho Suh. *The Perfect Home II* (detail), 2003

No outro lado de minha cozinha estão *Os Guardadores de Sonhos* (Fig.10). Três armários que, mais uma vez, parecem sair da parede para captar invisivelmente algo de nós, como o nosso armário que está lá na sala. Acolhem a desordem interna. Eles são um conjunto, não estão mais naquela espera solitária da recepção de algo que pode entrar á qualquer momento. São armários de lembranças, já que nada mais suportariam guardar, agora só podem guardar histórias, pensamentos, devaneios.

São alegres. Suas cores se contrapõem com o do fogão, que está no seu canto, sozinho. Eles abrigam toda a energia boa. E quanta energia, cheiros e sabores se encontram no cômodo em que estamos! Esse lugar de produção de afeto, de comida e de alegrias compartilhadas. “Num armário, só um pobre de espírito poderia guardar uma coisa qualquer. Guardar uma coisa qualquer, de qualquer maneira, em um móvel qualquer, indica uma enorme fraqueza da função de habitar.” (BACHELARD, 1993, p.91)



**Figura 10** – Os Guardadores de Sonhos. Tecido e fibra. 25cmx38cmx25 (cada). 2013

Com os *Guardadores de Sonhos* acabo meu percurso pela casa inventada, deixando neles todos os meus devaneios, pensamentos e invenções, e renunciando toda a necessidade dos objetos de servirem, exclusivamente a uma função, e ressaltando o quanto eles fazem parte de nós, e nós mais ainda deles.

## CONCLUSÃO

Esse texto é apenas uma primeira reflexão sobre minha produção, pois com o decorrer da ordenação dos pensamentos outras questões foram surgindo e que aos pouco estou desenvolvendo. A primeira percepção desse mobiliário se deu como algo da matéria (o aconchego), muito pessoal, mas visível, e com o decorrer do processo, a deformidade dos objetos foram se tornando cada vez mais fortes na minha visão a partir do conceito de Deleuze sobre *esgotamento*, e que pretendo melhor compreender no próximo semestre.

Deixo aqui meus primeiros entendimentos sobre a casa, o mobiliário, e o cotidiano, a partir das ideias de aconchego e inconsistência, tentando buscar e entender as questões que potencializam a minha produção.

## REFERÊNCIAS

### Livros:

BACHELARD, Gaston. **A poética do Espaço**. Tradução Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BAUDRILLARD, Jean. **O Sistema dos objetos**. Tradução Zulmira Ribeiro Tavares. São Paulo: Perspectiva, 1968.

BRANDÃO, Ludmila de Lima. **A casa subjetiva**. São Paulo: Perspectiva, 2002.

BRYSON, Bill. **Em casa: Uma breve história da vida doméstica**. Tradução Isa Mara Lando. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

MOLES, Abraham A. **Teoria dos objetos**. Tradução Luiza Lobo. Rio de Janeiro: Edição Tempo Brasileiro, 1981.

### Monografia:

HIROMOTO, Sandra. **Claes Oldenburg: A poética do mole**. Monografia (Especialista). Faculdades de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Tuiuti. Curitiba, 2004.

### Site:

ALVES, Cauê. **Estrutura e corpo**. Disponível em: <<http://www.galeriavirgilio.com.br/artistas/lzanette/txt/estrutura-e-corpo.html>>. Acesso em: 20 maio 2013.

BAHIA, Ana Beatriz. **Bordaduras na arte contemporânea Brasileira**. Disponível em: <<http://www.casthalia.com.br/periscope/anabahia/bordadurasnaartecontemporanea.htm>>. Acesso em: 19 julho 2013.

DELEUZE, Gilles. **O esgotado**. Tradução para o português de Lilith C. Woolf e Virginia Lobo. Paris: Minuit, 1992. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/110533504/DELEUZE-Gilles-O-Esgotado>>. Acesso em: 11 julho 2013